

# PLANO DE AULA

**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA  
DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE  
SETOR DE PLANEJAMENTO  
PLANO DE AULA N.º 6  
2.º CICLO DE JUVENTUDE (18 A 21 ANOS)**

**V UNIDADE: O ESPIRITISMO**

**SUBUNIDADE: PRINCÍPIOS BÁSICOS DA DOUTRINA ESPÍRITA:  
REENCARNAÇÃO / DESENCARNAÇÃO**

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Conceituar: encarnação, reencarnação e desencarnação.</li> <li>* Explicar os processos da reencarnação e da desencarnação.</li> <li>* Listar as finalidades da reencarnação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* "A encarnação dos Espíritos está nas leis da natureza; é necessária ao desenvolvimento deles e à execução das obras de Deus. (...)" (32)</li> <li>* "(...) ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo e que se conservou no íntimo de muitas pessoas, até aos nossos dias (...). (14)</li> <li>* "(...) A reencarnação é a mais excelente demonstração de Justiça Divina, em relação aos infratores das Leis, na trajetória humana, facultando-lhes a oportunidade de ressarciem numa os erros cometidos nas existências transatas. (...)" (4)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Solicitar aos alunos que escrevam, numa folha de papel e individualmente, os conceitos de: encarnação, desencarnação e reencarnação.</li> <li>* Pedir a cada aluno que leia suas respostas. Ouvir atentamente as falas, anotando concordâncias e divergências. Comentar as exposições, esclarecendo aspectos que, porventura, não estejam corretos de acordo com a Doutrina Espírita. Anexo 1</li> <li>* Explicar a técnica de <i>Exposição Mista</i> e solicitar que iniciem os trabalhos em grupo. Anexo 3.</li> <li>* Em seguida, o evangelizador distribui os textos para estudo e as tarefas para cada grupo. Anexo 2.</li> <li>* Pedir aos alunos que apresentem suas tarefas, conforme as indicações da técnica. Anexo 3.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Aceitar a solicitação do evangelizador e executar a tarefa.</li> <li>* Ler suas anotações, explicando-as, se necessário.</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>TÉCNICAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Exposição dialogada.</li> <li>* Comentário.</li> <li>* Estudo em grupo.</li> <li>* Técnica de Exposição Mista.</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>RECURSOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Textos e roteiros.</li> <li>* Papel, lápis etc...</li> </ul>

**AValiação: A AULA SERÁ CONSIDERADA SATISFATORIA SE OS EVANGELIZANDOS REALIZAREM CORRETAMENTE AS TAREFAS DO ESTUDO EM GRUPO E DEMONSTRAREM ENTENDIMENTO DO ASSUNTO, RESPONDENDO ACERTADAMENTE O QUESTIONÁRIO AVALIATIVO.**

CONT. DO PLANO DE AULA Nº 6 DA V UNIDADE: O ESPIRITISMO

2º CICLO DE JUVENTUDE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
	<p>* "Deus permite que, nas famílias ocorram (...) encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de prova para uns, e para outros de meio de progresso (...). É desse modo que se opera a fusão das diferentes categorias de Espíritos, como se dá na Terra com as raças e os povos." (31)</p> <p>* A desencarnação é o retorno do Espírito à vida espiritual, por efeito da morte do corpo físico.</p>	<p>* Terminar a aula aplicando um questionário relâmpago para melhor fixação e avaliação dos conceitos estudados. Anexo 4.</p>	<p>* Anotar as respostas corretas, de acordo com a Doutrina Espírita.</p> <p>* Participar, com interesse, da atividade final.</p>	

# ANEXO 1

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
2º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

## Subsídios para o Evangelizador

### A REENCARNAÇÃO

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As idéias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a *ressurreição* dá idéia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença desses, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*.

Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de *ressurreição*, e princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem idéias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros.

A essa autoridade, do ponto de vista religioso, se adita, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade; numa palavra: como lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem donde ele vem, para onde vai, por que está na Terra, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta. (1)

A união e a afeição que existem entre pessoas parentes são um índice da simpatia anterior que as aproximou. Daí vem que, falando-se de alguém cujo caráter, gostos e pendoros nenhuma semelhança apresentam com os dos seus parentes mais próximos, se costuma dizer que ela não é da família. Dizendo-se isso, enuncia-se uma verdade mais profunda do que se supõe. Deus permite que, nas famílias, ocorram essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de servir de prova para uns e, para outros, de meio de progresso. Assim, os maus se melhoram pouco a pouco, ao contacto dos bons e por efeito dos cuidados que se lhes dispensam. O caráter deles se abranda, seus costumes se apuram, as antipatias se esvaem. É desse modo que se opera a fusão das diferentes categorias de Espíritos, *como se dá na Terra com as raças e os povos*. (2)

Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem, para o seu futuro de além-túmulo: 1º, o nada, de acordo com a doutrina materialista; 2º, a absorção no todo universal, de acordo com a doutrina panteísta; 3º, a individualidade, com fixação definitiva da sorte, segundo a doutrina da Igreja; 4º, a individualidade, com progressão indefinida, conforme a Doutrina Espírita. Segundo as duas primeiras, os laços de família se rompem por ocasião da morte e nenhuma esperança resta às almas de se encontrarem futuramente. Com a terceira, *há para elas a possibilidade de se tornarem a ver, desde que sigam para a mesma região, que tanto pode ser o inferno como o paraíso*. Com a pluralidade das existências, inseparável da progressão gradativa, há a certeza na continuidade das relações entre os que se amaram, e é isso o que constitui a verdadeira família. (3)

### Necessidade da encarnação

*É um castigo a encarnação e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?*

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, *as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder*. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo. S. Luís. (Paris, 1859) (4)

"De acordo com Dellane a doutrina das vidas sucessivas ou reencarnação é também chamada *Palingenesia*, de duas palavras gregas – *Palin*, de novo, *genesis*, nascimento. O que há de muito notável é que, desde os albores da Civilização, ela foi formulada na Índia, com uma precisão que o estado intelectual dessa época longínqua não fazia pressagiar. (...)

A Índia é muito provavelmente o berço intelectual da Humanidade e é interessante que se encontre nos Vedas e no Bhagavad Gita passagens como as que se seguem:

"A alma não nasce nem morre nunca; ela não nasceu outrora nem deve renascer; sem nascimento, sem fim, eterna, antiga não morre quando se mata o corpo (...)"

Encontra-se no Masdeísmo, religião da Pérsia, uma concepção muito elevada, a de redenção final concedida a todas as criaturas, depois de haverem, entretanto, experimentado as provas expiatórias que devem conduzir a alma humana à sua felicidade final (...)

Pitágoras foi o primeiro que introduziu na Grécia a doutrina dos renascimentos da alma, doutrina que havia conhecido em suas viagens ao Egito e à Pérsia. Ele tinha duas doutrinas, uma reservada aos iniciados, que freqüentavam os Mistérios, e outra destinada ao povo; esta última segundo ele, aprender é recordar (...)

A escola neoplatônica de Alexandria ensina a reencarnação, precisando (...) as condições dessa evolução progressiva.

Plotino (...) trata muitas vezes de tal questão (...). É dogma — diz ele — de toda antiguidade e universalmente ensinado, que, se a alma comete faltas, é condenada a expiá-las, recebendo punições em infernos tenebrosos; depois, é obrigada a passar a outro corpo, para recomeçar suas provas (...)

Porfírio não crê na metempsicose, ainda mesmo como punição das almas perversas e, segundo ele, a reencarnação só se opera no gênero humano (...)

Jâmblico assim sintetiza a doutrina das vidas sucessivas:

“A justiça de Deus não é a justiça dos homens. O homem define a justiça sob o ponto de vista de sua vida atual e de seu estado presente. Deus a define relativamente às nossas existências sucessivas e à universalidade de nossas vidas. Assim, as penas que nos afligem são, muitas vezes, castigos de um pecado de que a alma se tornou culpada em vida anterior. Algumas vezes, Deus nos oculta a razão delas; não devemos, porém, deixar de atribuí-las à sua justiça.”

“Entre os romanos, (...) Virgílio exprime claramente a idéia da Palingenesia nestes termos:

“Todas essas almas, depois de haverem, durante milhares de anos, girado em torno dessa existência (no Elísio ou no Tártaro), são chamadas por Deus, em grandes enxames, para o rio Letes, a fim de que, privadas da lembrança, revejam os lugares superiores e convexos e comecem a querer voltar ao corpo.”

Os gauleses (...) acreditavam na unidade de Deus e nas vidas sucessivas.

A Terra era um lugar de passagem para mundos superiores. A idéia de preexistência, e não de metempsicose, é nitidamente formulada pelo bardo Taliésin, quando diz: “Fui víbora no lago, cobra mosqueada na montanha, fui estrela, fui sacerdote. Desde que fui pastor, escoou-se muito tempo; dormi em cem mundos, agitei-me em cem círculos. (...)” (5)

## PROCESSO DE DESENCARNAÇÃO

**Esgotamento das energias físicas** – O perispírito garante a organização da matéria corpórea, por meio do fluido vital; quando o fluido vital se esgota, o corpo físico se desorganiza gradativamente.

**Desligamento dos centros de força** – Existem no perispírito três centros de força, que são de importância fundamental, na desencarnação: o vegetativo, ligado ao ventre, que é o responsável pelos fenômenos fisiológicos; o emocional, sediado no tórax, que é sede dos sentimentos e desejos; o mental, que exterioriza a ação do Espírito, situado no cérebro. Estes centros de força são desligados do corpo físico, na seguinte ordem: primeiro o vegetativo, causando o esfriamento dos membros inferiores e a desorganização dos órgãos da digestão; em seguida, o centro emocional, produzindo descontrole cardíaco; finalmente, o centro mental, causando a morte clínica, pela inutilização do cérebro.

**Constituição do corpo perispirítico** – Os centros de força, exteriorizados por operações magnéticas, plasmam o corpo perispirítico, que é uma cópia fiel do corpo físico abandonado, permanecendo ligado a este por um fio energético, até que se conclua a desencarnação.

As desencarnações não são idênticas. A que foi descrita é a de um Espírito em condições medianas de evolução, que recebe assistência mais expressiva de amigos espirituais.

Nas desencarnações violentas, o Espírito pode permanecer um tempo mais ou menos longo ligado ao corpo, conforme a sobrecarga de energias vitais existentes e o gênero de vida levado pelo desencarnante.

Após a desencarnação, o Espírito passa por um período de perturbação, no qual se adapta à nova vida. A preocupação excessiva dos parentes e amigos pode funcionar neste momento, como cadeias a reterem o Espírito naquele estado, ou a lhe agravarem os sofrimentos íntimos.

### PROCESSO DE REENCARNAÇÃO

**Planejamento** – Toda encarnação se realiza com uma finalidade superior, que requer planejamento prévio, tendo-se em vista o mérito individual do reencarnante e as necessidades daqueles que lhe irão partilhar a vida física.

O planejamento é um trabalho de análise e previsão, onde ocorre a escolha do meio em que o Espírito deve renascer, das condições em que irá retornar e daquilo que deverá realizar, sempre de acordo com seus recursos e potencialidades reais.

**Contato fluídico com os pais** – É a ligação que ocorre entre o Espírito e seus futuros pais, antes da concepção, com o fim de proporcionar ao reencarnante a maleabilidade e as propriedades fluídicas necessárias à confecção do novo corpo.

**Formação do novo corpo** – O perispírito do reencarnante sofre um processo redutivo, voluntário ou não, e é atraído pelo organismo materno. Em seguida, liga-se ao patrimônio genético oferecido pelo óvulo fecundado, no útero materno, seguindo-se automaticamente a formação e o crescimento do corpo. As características mentais do Espírito refletem-se no corpo em formação, conforme a gravidade do caso e as suas necessidades, no que se refere à provação ou à expiação.

**Após o nascimento** – O Espírito se adapta gradativamente ao novo corpo, e reassume a autoconsciência e as suas potencialidades latentes; não conserva lembranças precisas do passado, mas ele pode ter uma idéia do que foi, pelo exame de suas tendências e inclinações de agora.

1. KARDEC, Allan. Ninguém poderá ver o Reino dos Céus se não nascer de novo. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. de Guillon Ribeiro. 116. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1999, itens 4-16 e 17, p. 84, 89-90.

2. Idem, item 19, p. 91.

3. Idem, item 23, p. 93.

4. Idem, item 25, p. 95.

5. DELLANE, Gabriel. Revista Histórica das Vidas Sucessivas. *A Reencarnação*. Trad. de Carlos Imbassahy. 11. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998, p. 21 a 29.

## ANEXO 2

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
2º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

### Textos para Trabalho em Grupos

“O corpo espiritual, a que a alma está indissoluvelmente ligada, conserva o estatuto das leis biológicas que regem a matéria organizada.

Ele contém, igualmente, todos os arquivos da vida mental (...)

Pode-se dizer, portanto, que o conhecimento do perispírito é o fecho de toda a explicação das vidas sucessivas (...)” (1)

#### I – Texto para Estudo do Grupo A:

##### ANTE A REENCARNAÇÃO

*Na noite imediata, atendendo-nos a solicitação, Clarêncio conduziu-nos ao domicílio do ferroviário, para observações.*

*Penetramos respeitosamente o quarto em que Odila nos recebeu, contente e gentil.*

*Tudo lhe parecia desdobrar-se com segurança.*

*Júlio dormia.*

*Não mais acordara, informou a guardiã feliz. Tinha a impressão de que o reencarnante desaparecia pouco a pouco, na constituição orgânica de Zulmira, como se a futura mãezinha fosse um filtro miraculoso a absorvê-lo.*

*A genitora desencarnada mostrava-se satisfeita e esperançosa. Preferia ver o filhinho confiado ao sono profundo. As aflições e os gemidos dele lhe haviam dilacerado o coração.*

*O renascimento, por esse motivo, representava uma bênção para as inquietantes responsabilidades maternas de que se via detentora.*

*Observamos que Júlio se caracterizava por enorme diferença.*

*O corpo sutil do menino denotava espantosa transformação. Adelgaçara-se de maneira surpreendente.*

*Tive a idéia de que ele e Zulmira, alma com alma, se fundiam um no outro. A moça ganhara em plenitude física e vivacidade espiritual quanto perdia o menino na apresentação exterior. Júlio adormecera aliviado, ao passo que a jovem senhora demonstrava admirável despertamento para a vida. A segunda esposa de Amaro modificara-se de modo sensível. Como as pessoas felicitadas por novos títulos de confiança no trabalho, revelava-se mais alegre e mais cônica das obrigações que lhe competiam.*

*A transfusão fluidica era ali evidente.*

*O organismo materno assemelhava-se a um alambique destinado a sutillar as energias do reencarnante para restituí-las, decerto, a ele mesmo, na formação do novo envoltório.*

*Registrando-nos o assombro, o instrutor explicou com a sua habitual gentileza:*

— *A reencarnação, tanto quanto a desencarnação, é um choque biológico dos mais apreciáveis. Unido à matriz geradora do santuário materno, em busca de nova forma, o perispírito sofre a influência de fortes correntes electromagnéticas, que lhe impõe a redução automática. Constituído à base de princípios químicos semelhantes, em*

suas propriedades, ao hidrogênio, a se expressarem através de moléculas significativamente distanciadas umas das outras, quando ligado ao centro genésico feminino experimenta expressiva contração, à maneira do indumento de carne sob carga elétrica de elevado poder. Observa-se, então, a redução volumétrica do veículo sutil pela diminuição dos espaços inter-moleculares. Toda matéria que não serve ao trabalho fundamental de refundição da forma é devolvida ao plano etereal, oferecendo-nos o perispírito esse aspecto de desgaste ou de maior fluidez.

— Quer dizer então... — aventurou Hilário, em sua curiosidade construtiva.

— Quero dizer que os princípios organogênicos essenciais do perispírito de Júlio já se encontram reduzidos na intimidade do altar materno, e, à maneira de um imã, vão aglutinando sobre si os recursos de formação do novo vestuário de carne que lhe será o vaso próximo de manifestação.

— E a forma a rarefazer-se sob nossos olhos? — inquiriu meu colega, espantado.

— Está em ativo processo de dissolução.

E, com a bela serenidade que lhe assinala o espírito, continuou elucidando:

— Também o corpo físico parece dormir na desencarnação, quando, na realidade, começa a restituir as unidades químicas que o compõem à Natureza que lhes emprestou a título precário, apenas com a diferença de que a alma desencarnada, ainda mesmo quando em deploráveis condições de sofrimento e inferioridade, avança para a libertação relativa, ao passo que, em nos reencarnando, sofremos o processo de volta às teias da matéria densa, não obstante orientados por nobres objetivos de evolução. É por isso que, conduzidos à reconstituição orgânica, revivemos, nos primeiros tempos da organização fetal, embora apressadamente, todo o nosso pretérito biológico. Cada ser que retoma o envoltório físico revive, automaticamente, na reconstrução da forma em que se exprimirá na Terra, todo o passado que lhe diz respeito, estacionado na mais alta configuração típica que já conquistou, para o trabalho que lhe compete, de acordo com o degrau evolutivo em que se encontra.

A maneira simples pela qual Clarêncio esflorava problemas tão complexos, induzia-nos a sublimados pensamentos, quanto à magnitude das Leis Universais.

Ali, diante de um caso comum de reencarnação, auxiliado apenas pelas nossas preces no culto à fraternidade, obtínhamos vastas elucidações sobre o plano geral da existência.

Inspirado talvez na mesma faixa de reflexões que me preocupavam o espírito, Hilário inquiriu:

— Os princípios que analisamos funcionam em igualdade de circunstâncias para os animais?

— Como não — replicou o nosso orientador, paciente — todos nos achamos na grande marcha de crescimento para a imortalidade. Nas linhas infinitas do instituto, da inteligência, da razão e da sublimação, permanecemos todos vinculados à lei do renascimento como inalienável condição de progresso. Atacamos experiências múltiplas e recapitulamo-las, tantas vezes quantas se fizerem necessárias, na grande jornada para Deus. Crisálidas de inteligência nos setores mais obscuros da Natureza evoluem para o plano das inteligências fragmentárias, onde se localizam os animais ordem superior que, por sua vez, se dirigem para o reino da consciência humana, tanto quanto os homens, pouco a pouco, se encaminham para as gloriosas esferas dos anjos.

O instrutor, entretanto, voltou-se para o leito em que mãe e filho jaziam, intimamente associados, e setenciou:



— Preocupemo-nos, porém, com o serviço da hora presente. Estudemos o caso sob nossa observação para que o nosso dever de solidariedade seja bem cumprido.

O apontamento reajustou-nos.

Hilário que, tanto quanto eu, se mostrava interessado em aproveitar a lição, fixando o quadro sob nossos olhos, pediu uma explicação tão simples quanto possível acerca da comunhão fisiopsíquica de Zulmira e Júlio naquele instante, ao que Clarêncio respondeu, após refletir alguns momentos:

— Imaginemos um pêssego amadurecido, lançado à cova escura, a fim de renascer. Decomposto em sua estrutura, restituirá aos reservatórios da Natureza todos os elementos da polpa e dos demais envoltórios que lhe revestem os princípios vitais, reduzindo-se no imo do solo ao embrião minúsculo que se transformará, no espaço e no tempo, em novo pessegueiro.

O ensinamento não podia ser mais lógico, mais preciso.

— Então, por isso — acrescentou Hilário, estudioso — é que as crianças desencarnadas reclamam período de tempo mais ou menos longo para demonstrarem crescimento mental, como ocorre na existência comum...

— Isso acontece com a maioria — informou o Ministro —, de vez que há exceções na regra. Em muitas circunstâncias, semelhante imposição não existe. Quando a mente já desenvolveu certas qualidades, aprimorando-se em mais altos degraus de sublimação espiritual, pode arrojá de si mesmo os elementos indispensáveis à composição dos veículos de exteriorização de que necessita em planos que lhe sejam inferiores. Nesses casos, o Espírito já domina plenamente as leis de aglutinação da matéria, no campo de luta que nos é conhecido e, por esse motivo, governa o fenômeno da própria reencarnação sem subordinar-se a ele.

Fitava o semblante calmo de Zulmira, que respirava serena, feliz.

— O problema de Júlio, no entanto — considere —, afigura-se-nos bastante doloroso...

— Doloroso mais educativo, quanto o de milhares de criaturas, cada dia, na Terra — ponderou Clarêncio, imperturbável. — Nosso companheiro vencido e enfermo, em razão de compromissos adquiridos na carne encontrará caminho ao próprio reajuste.

— E a questão da hereditariedade? — indagou meu companheiro, reverente. — Júlio, perdendo o corpo sutil em que chorava atormentado, ressurgirá na existência física sem a moléstia que o apoquentava, por herdar fatalmente os característicos biológicos dos pais?

O orientador sorriu, de maneira expressiva, e asseverou:

— A hereditariedade, qual nos conhecimentos científicos do mundo, tem os seus limites. Filhos e pais, indubitavelmente, ainda mesmo quando se cataloguem distantes uns dos outros, sob o ponto de vista moral, guardam sempre afinidade magnética entre si; desse modo, os progenitores fornecem determinados recursos ao Espírito reencarnante, mas esses recursos estão condicionados às necessidades da alma que lhes aproveita a cooperação, porque, no fundo, somos herdeiros de nós mesmos. Assimilamos as energias de nossos pais terrestres, na medida de nossas qualidades boas ou más, para o destino enobrecido ou torturado a que fazemos jus, pelas nossas conquistas ou débitos que voltam à Terra conosco, emergindo de nossas anteriores experiências.

— Somos então levados a crer que Júlio transportará consigo a enfermidade que sofria em nosso plano, à maneira de alguém que, em se mudando de domicílio, não modifica o quadro orgânico... — Observou Hilário, com sensatez.

— Isso mesmo — elucidou o Ministro, satisfeito —, o problema é de natureza espiritual. Durante a gravidez de Zulmira, a mente de Júlio permanecerá associada à mente materna, influenciando, como é justo, a formação do embrião. Todo o cosmo celular do novo organismo estará impregnado pelas forças do pensamento enfermeiro de nosso irmão que regressa ao mundo. Assim sendo, Júlio renascerá com as deficiências de que ainda é portador, embora favorecido pelo material genético que recolherá dos pais, nos limites da lei de herança, para a constituição do novo envoltório.

Depois de breve pausa, concluiu:

— Como vemos, na mente reside o comando. A consciência traça o destino, o corpo reflete a alma. Toda agregação de matéria obedece a impulsos do espírito. Nossos pensamentos fabricam as formas de que nos utilizamos na vida.

Calou-se o instrutor.

Odila tomou a palavra comentando as suas esperanças para o futuro.

Conversamos de novo, animadamente.

E, logo após, uma prece do Ministro encerrava para nós a deliciosa reunião. (5)

### Grupo A

Tarefa: Explique o processo da reencarnação como descrito pelo espírito de André Luiz.



**II – Texto para Estudo do Grupo B:****UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL À MATÉRIA**

*Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, ao mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.*

*O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada.*

*Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los. É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (Cap. VIII, nº 7: Da alma da Terra).*

*Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças. Ora, como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que houvessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal.*

*Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa emprestável.*

*Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vito-material do gérmen, o perispírito que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior.*

*Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se*

efetuara sob a influência do princípio vital do germen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito.

Dado que, um instante após a morte, completa é a integração do Espírito; que suas faculdades adquirem até maior poder de penetração, ao passo que o princípio de vida se acha extinto no corpo, provado evidentemente fica que são distintos o princípio vital e o princípio espiritual.

O Espiritismo, pelos fatos cuja observação ele faculta, dá a conhecer os fenômenos que acompanham essa separação, que, às vezes, é rápida, fácil, suave e insensível, ao passo que doutras é lenta, laboriosa, horrivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

Um fenômeno particular, que a observação igualmente assinala, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Desde que este é apanhado no laço fluidico que o prende ao germen, entra em estado de perturbação, que aumenta, à medida que o laço se aperta, perdendo o Espírito, nos últimos momentos, toda a consciência de si próprio, de sorte que jamais presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, começa o Espírito a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que lhes hão de servir às manifestações.

Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões anteriormente adquiridas, que haviam ficado temporariamente em estado de latência e que, voltando à atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes. Ele renasce qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Ainda aí a bondade do Criador se manifesta, porquanto, adiciona aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante, do passado, poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, por lhe ser isso útil. Se às vezes lhe é dado ter uma intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugitivo. Ei-lo, pois, novo homem, por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se lhe desdobra diante dos olhos e ele julga de como empregou o tempo, se bem ou mal.

Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual, sem embargo do esquecimento do passado. Cada Espírito é sempre o mesmo eu, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta, apenas, uma fase da sua existência. O próprio esquecimento se dá tão-só no curso da vida exterior de relação. Durante o sono, desprendido, em parte, dos liames carnis, restituído à liberdade e à vida espiritual, o Espírito se lembra, pois que, então, já não tem a visão tão obscurecida pela matéria. (2)

### Grupo B

Tarefa: Com base no texto lido, explicar os processos da encarnação e desencarnação do espírito.

**III – Texto para Estudo do Grupo C:****A REENCARNAÇÃO**

*Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?* Questão 166 – L.E.

“Sofrendo a prova de uma nova existência.”

a) — *Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?*

“Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal.”

b) — *A alma passa então por muitas existências corporais?*

“Sim, todos contamos muitas existência. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse é o desejo deles.”

c) *Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?*

“Evidentemente.”

*Qual o fim objetivado com a reencarnação?* Questão 167 – L.E.

“Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”

*É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente?* Questão 168 – L.E.

“A cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante na senda do progresso. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal.”

*É invariável o número das encarnações para todos os Espíritos?* Questão 169 – L.E.

“Não; aquele que caminha depressa, a muitas provas se forra. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito.”

*O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?* Questão 170 – L.E.

“Espírito bem-aventurado; puro Espírito.”

**Justiça da reencarnação**

*Em que se funda o dogma da reencarnação?* Questão 171 – L.E.

“Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderem fazer ou concluir numa primeira prova.

Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a sua bondade, se condenasse para

sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.

O homem que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustem-no, porém, e lhe reanima a coragem a idéia de que aquela inferioridade não o deserda eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência. (3)

### Grupo C

*Tarefa:* Após ler atentamente o texto acima, liste as finalidades da reencarnação.



1. DELANNE, Gabriel. Vista de Conjunto dos Argumentos que Militam em Favor da Reencarnação. *A Reencarnação*. Trad. de Carlos Imbassahy. 11. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998. p. 288.
2. KARDEC, Allan. Gênese Espiritual. *A Gênese*. Trad. de Guillon Ribeiro. 40. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2001. Itens 10-13, 18-22, p. 210-211, 214-216.
3. \_\_\_\_\_. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998. Perg. 166-171, p. 120-122.
4. \_\_\_\_\_. Ninguém pode ver a o Reino de Deus se não Nascer de Novo. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. de Guillon Ribeiro. 116. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1999. Itens 04, 17, 19, 23, 25. p. 88, 94-96, 97-98, 99.
5. XAVIER, Francisco Cândido. Ante a Reencarnação. *Entre a Terra e o Céu*. Ditado pelo Espírito André-Luiz. 17. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1997, p. 178-183.

## ANEXO 3

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
2º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

### Técnica de Exposição Mista

**Característica** — Consiste em uma mistura de estudo dirigido e exposição. O tema será, inicialmente, exposto pelo professor. Após, serão distribuídos à classe textos sobre o assunto ou a bibliografia para ser consultada. E, como terceira etapa, apresentar-se-á um questionário para ser respondido e discutido com o grande grupo.

#### Objetivos:

- \* Evitar que fiquem dúvidas sobre o assunto, possivelmente geradas no momento da exposição.
- \* Permitir a melhor organização e o estudo aprofundado do tema por meio das bibliografias ou textos dados.
- \* Treinar o aluno a ouvir, anotar, pesquisar e expor um determinado assunto.

#### Desenvolvimento:

1. O professor fará uma exposição sobre o tema ou apenas sobre as partes essenciais do mesmo.
2. Segue-se uma distribuição de textos, apostilas ou bibliografia sobre o assunto, para que os alunos divididos em três grupos (A, B, C) façam o estudo aprofundado do tema exposto.
3. Após, cada grupo apresenta suas respostas ou partes delas, que serão discutidas pelo grande grupo.
4. Seguindo cada apresentação, o professor fará as observações necessárias, solicitando aos grupos que anotem as respostas corretas.

**Avaliação:** *A técnica será considerada satisfatória se os alunos:*

- a) Demonstrarem ter aprofundado os conhecimentos já adquiridos.
- b) Apresentarem e discutirem corretamente os estudos efetuados pelos grupos.

\*\*\*

## ANEXO 4

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
2º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

### **Sugestões de perguntas para o Questionário Relâmpago**

1. É útil para nós o conhecimento da reencarnação? Por quê?
2. A reencarnação facilita a reconciliação dos inimigos? Explique.
3. Com que finalidade Deus permite que os bons e os maus se aproximem pela reencarnação?
4. Quando o Espírito tem consciência de seus débitos, como ele entende sua nova encarnação?
5. Os Espíritos que reencarnam sem liberdade de escolha perderam o livre-arbítrio? Explique.
6. Uma reencarnação nessas condições é útil ao Espírito que reencarna? Por quê?
7. A reencarnação visa somente a expiação das faltas cometidas?
8. A morte do corpo, para quem não se preparou conscientemente, é sempre um choque muito grande para o espírito. Por que?
9. Cada Espírito se revela tal qual é, no plano espiritual, com a desencarnação? Por que?

### **Chave de correção para o Evangelizador**

1. Sim, porque nos esclarece quanto as oportunidades de aperfeiçoamento de que dispomos.
2. Sim, porque, facilita a convivência deles na mesma família.
3. Para permitir o melhoramento de uns e experimentar a outros, para acelerar o progresso geral.
4. Como oportunidade de reabilitação que lhe cumpre aproveitar, na harmonização da própria consciência.
5. Não. Têm a faculdade de escolha temporariamente tolhida, mas o livre-arbítrio, sendo aquisição do Espírito, não é perdido jamais. No máximo, pode ter seu exercício circunscrito a certos limites, de acordo com suas necessidades eternas (do Espírito).
6. Sim, porque o recoloca novamente na posição de equilíbrio, que lhe permite reassumir por completo a faculdade de decidir.
7. Não. É também prova e missão. E, principalmente, é meio para evolução do espírito.
8. Sim, porque enfrenta sua própria realidade.
9. Sim, porque todas as suas máscaras caem e ele se vê tal qual é.

- 
1. DENIS, Léon. *As Vidas Sucessivas. O Porquê da Vida*. Trad. de João Lourenço de Souza. 18. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1997, p. 30.
  2. XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e Reencarnação. Evolução em Dois Mundos*. 18. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1999, p. 145.
  3. \_\_\_\_\_, *Dicionário da Alma*. 4. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1995. Existência, p. 264.